

Arquivo  
 Nome: JT (cad. de Sábado)  
 Data: 28/9/96 Pg. 2  
 FOLHA: 18

# É hora de parar de brincar com o clima

**Há uma relação evidente entre os gases emitidos pelas atividades humanas e o aquecimento da Terra**

□ Por Françoise Monnier, da L'Express

Avanço dos desertos, seca na América, calor excessivo nas grandes cidades da Ásia, impaludismo na Europa, deltas submersos pela subida das águas: o aquecimento do clima promete mais catástrofes do que vantagens. Esta semana, em Genebra, os governos estudam como prevenir esses desastres. Os principais culpados são conhecidos: o gás carbônico e o metano produzidos pelas sociedades industrializadas. Pôr fim à emissão desses gases, que criam o chamado "efeito estufa", fechando o planeta sob uma cúpula invisível, supõe a radical reformulação de nossos meios de produção e de consumo. Uma reviravolta que, há pouco tempo, nem os políticos, nem os economistas e muito menos os cidadãos comuns poderiam imaginar.

Na década de 70, o que os cientistas previam era o resfriamento. Não levavam em conta o fato de que as indústrias, os sistemas de aquecimento central e de transportes, ao queimar madeira, carvão e petróleo, jogavam na atmosfera calor suficiente para reverter essa tendência. Foi necessário que os ecologistas começassem a se inquietar e os químicos a se preocupar, para que a comunidade científica retomasse os seus estudos.

Foi um meteorologista sueco, Bert Bolin, quem organizou, em 1980, os primeiros seminários sobre a mudança climática. Estudioso do ciclo do carbono, Bolin tabulou índices de aquecimento e organizou pesquisas internacionais abertas a todas as especialidades. "Já

que as emissões perigosas vinham de atividades humanas, era preciso demonstrar que cabia aos homens reparar os estragos", explicou esse sábio, que os jovens climatólogos consideram, hoje,

seu pai espiritual. Tão diplomata quanto perseverante, Bolin criou, em 1988, a pedido da ONU, o Grupo Intergovernamental sobre a Evolução do Clima (Giec). Essa formidável máquina de fazer levantamentos acaba de divulgar um novo relatório. Explosivo. Demonstra que a humanidade terá muito a perder se não parar de brincar com o clima. Durante oito anos, o Giec mobilizou dois mil pesquisadores, de 30 países, usando métodos revolucionários. São todos voluntários, eles dialogam constantemente com seus colegas e submetem suas descobertas à crítica coletiva. Uma rede internacional cujo objetivo é planetário.

Jean Jouzel, diretor do setor de pesquisas do Comissariado da Energia Atômica, especialista no estudo de modelos de clima, justifica essa prudência: "Não vale a pena divulgar dados insuficientemente alicerçados e, no relatório seguinte, ter de voltar atrás."

"Há uma relação evidente entre os gases emitidos pelas atividades humanas e o aquecimento do clima." Bastou esta frase, no relatório de três mil páginas publicado a semana passada — e reduzido a 600 folhetos para divulgação —, para atear fogo à pólvora. Enquanto os especialistas calculavam, de um lado, as acumulações de gás carbônico, de metano e de clorofluorocarbono e, do outro, observavam a elevação das temperaturas através do planeta, sem provar a existência de uma ligação entre eles, ainda havia quem pudesse duvidar. Afinal de contas, o equilíbrio não seria restabelecido pelos oceanos, que estocam os gases daninhos, e pelas florestas, que absorvem o CO<sub>2</sub>?



O Giec prevê o aquecimento de 1,5 a 3 graus centígrados em um século. Nunca se viu isso, desde que se começou a observar o tempo, há 600 anos. Os verões serão provavelmente muito mais quentes e os invernos menos frios. As secas vão se multiplicar e as geleiras se liquefazer. Com o tempo, a calota polar começará a derreter, provocando um aumento de 50 centímetros no nível do mar. Os deltas, as ilhas sem relevo do Pacífico, a costa baixa do Bangladesh seriam inteiramente encobertos pela água. Sem falar nas surpresas possíveis, uma mudança brutal, uma aceleração do movimento que pegaria o mundo inteiro de surpresa.

Nunca a comunidade científica anunciou

notícias tão ruins. Ela nunca lançou advertências tão urgentes ao mundo político. Robert Watson faz parte dos pesquisadores que mudaram de vida ao compreender as perturbações que se avizinham. Brilhante universitário inglês, especialista em química da atmosfera, ele estava em Berkeley, nos EUA, quando saíram os primeiros trabalhos sobre o efeito estufa. Ele então decidiu se dedicar ao estudo dos efeitos do cloro sobre o ozônio. Tornando-se cidadão americano, entrou para a NASA, onde passou a dirigir os programas de observação da Terra. Esse obstinado pesquisador, de cacheada cabeleira negra, convenceu então senador Al Gore a fazer os EUA entrarem na briga da elaboração de um tratado in-

ternacional, que limitasse as emissões perigosas. Eleito Clinton, Watson torna-se consultor na Casa Branca. Hoje trabalhando como especialista do Banco Mundial, Watson viaja pelo mundo afora, para ajudar o Terceiro Mundo a se desenvolver sem degradar o meio ambiente.

No mês passado, porém, John Gummer, ministro britânico do Meio Ambiente, anunciava a seus concidadãos um futuro radioso: graças ao aquecimento, Londres teria um clima ameno como o do sul da França. É bem provável que o imprudente não tenha lido com cuidado o relatório do Giec, incapaz, hoje, de regionalizar as suas análises. Em compensação, ficamos sabendo, nele, que os diversos ecossistemas seriam tão atingidos que muitos animais e vegetais seriam riscados do mapa.

Como se essas catástrofes não bastassem, a Organização Mundial de Saúde acaba de divulgar um estudo sobre o aumento das doenças causadas pelo calor. Acidentes cardiovasculares, meningites, chegada do impaludismo e da febre amarela à Europa e aos EUA. É Kinshasa à beira do Tâmis.

No ano que vem, os chefes de Estado e de governo deveriam assinar um protocolo que definiria a convenção assinada no Rio em 1992. O Giec propõe, entre outras coisas, limitar o uso do carvão e do petróleo. Os políticos hesitam: como anunciar à opinião pública, traumatizada pela recessão econômica, que se deve limitar a circulação de carros e pagar mais caro pelo aquecimento? Nunca foi mais intensa a luta entre os diversos lobbies presentes em Genebra, com "barraquinhas" montadas até nos corredores do Palais des Nations.

De um lado, estão os representantes das companhias petrolíferas e automobilísticas, jovens de terno escuro, armados de telefone celular, pilotados pelo maciço e temível John Shlaes, diretor da Global Climate Coalition, ligada ao gigante americano Texaco. Para Shlaes, deve-se esperar vinte anos antes de agir. Já estariam disponíveis tecnologias econômicas, baseadas no aproveitamento de materiais fósseis. Uma abordagem batizada com o nome bárbaro de *mitigação*.

Do outro, as associações de ecologistas, tendo à frente os militantes do Greenpeace e do World Wildlife Funde, seguidos de grupos japoneses, recém-chegados ao palco internacional, de camisas abertas no peito e cabelos ao vento. Eles defendem a geotermia, a energia solar e eólica e os investimentos na produção econômica de energia. "Dentro de vinte anos", prevê John Hare, um dos melhores especialistas do Greenpeace, "será tarde demais".

No meio, um grupo de atores até agora silenciosos, os seguradores. As companhias fizeram suas contas. Tufões, secas, inundações, calamidades agrícolas ou incêndios nas florestas os fazem perder bilhões. Na terça-feira, dia 9 de julho, o austero Andrew Dlugolecki, diretor da General Accident/General Life, alinhou-se, em nome de 60 grandes seguradoras americanas, europeias e asiáticas, à causa dos ecologistas. "É preciso agir hoje", afirma Dlugolecki, "para não ter de pagar muito caro as falências de amanhã." **CS**

**Prevê-se o aquecimento de 1,5 a 3 graus centígrados em um século. Nunca se viu isso, desde que se começou a observar o tempo, há 600 anos**

**Tufões, secas, inundações, calamidades agrícolas ou incêndios nas florestas fazem as seguradoras perder bilhões**